

A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 3

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 3

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no âmbito do político e de suas tramas 3 [Recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A educação no âmbito do político e de suas tramas; v. 3)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-866-3 DOI 10.22533/at.ed.663192312</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Políticas públicas. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.81</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas” foi pensado de modo que pudesse reunir pesquisas sobre educação de diversas partes do Brasil. Fazendo um apanhado de discussões atualizadas e apresentando um conjunto de resultados e experiências inovadoras, visando contribuir com a educação, sobretudo, no âmbito político e suas tramas.

São 122 artigos divididos em 4 Volumes sendo que, **neste Volume 3**, são 18 artigos em torno da temática Interdisciplinaridade e 11 artigos relatando propostas e experiências sobre Administração Escolar.

No **Volume 1**, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Educação Infantil, Ensino Médio, Educação Superior e Ambiente Virtual de Aprendizagem, totalizando 33 textos inéditos.

No **Volume 2**, os temas selecionados foram Educação e Inclusão Escolar e Social, Arte e Cultura, Saúde e Educação. São 31 artigos que chamam para um diálogo provocante e construtivo. O índice é um convite a leitura.

Fechando esta edição, no **Volume 4** trazemos 29 artigos divididos entre as temáticas da Formação Continuada, Formação para a Cidadania, Formação Docente e Leitura e Educação.

Sejam bem-vindos ao e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas”.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

INTERDISCIPLINAR

CAPÍTULO 1	1
AGROECOLOGIA NA ESCOLA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO A PARTIR DA ABORDAGEM TEMÁTICA FREIREANA	
Diego de Sousa Macedo Wesley Amaral Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.6631923121	
CAPÍTULO 2	12
ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA GAMIFICAÇÃO E APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS NA DISCIPLINA DE SISTEMAS DE TRANSPORTES DO CURSO DE ENGENHARIA CIVIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ NOS ANOS DE 2013, 2014 E 2016	
Márcia de Andrade Pereira Bernardinis Rodolfo Augusto da Costa Maria Clara Suginoshita Marcelo Sefrin Nascimento Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6631923122	
CAPÍTULO 3	28
AS RELAÇÕES BIOFÍLICAS E A ATIVIDADE NA NATUREZA: SUA CONTRIBUIÇÃO NO BEM-ESTAR	
Marilda Teixeira Mendes Michela Abreu Francisco Alves Jarbas Pereira Santos Patrícia Aparecida Antunes Alves Irene Menegali	
DOI 10.22533/at.ed.6631923123	
CAPÍTULO 4	39
CONHECENDO SOBRE A EVOLUÇÃO DA CONTAGEM E IDENTIFICANDO A ABORDAGEM DA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Silvânia da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6631923124	
CAPÍTULO 5	50
CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS NA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA DE UM GRUPO DE MULHERES CAMPONESAS	
Rael Oliveira Souza Erivelton Nascimento Souza Darlei Oliveira Ferreira Aldinete Silvino de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.6631923125	
CAPÍTULO 6	61
CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Gislei José Scapin Leandra Costa da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6631923126	

CAPÍTULO 7	74
CURRÍCULO: PERSPECTIVAS PARA UM ENSINO DE CIÊNCIA ARTICULADO COM A REALIDADE	
Elisete Martins Soares	
DOI 10.22533/at.ed.6631923127	
CAPÍTULO 8	86
EDUCAÇÃO MEDICALIZADA: A INSENSIBILIDADE DA ESCOLA DIANTE DO CORPO ATIVO	
Andressa Rodrigues Mota	
Kelly Jessie Queiroz Penafiel	
Sylvia Pillar Oliveira de Tassis Frasson	
DOI 10.22533/at.ed.6631923128	
CAPÍTULO 9	97
ELABORAÇÃO DE FOLDERS PARA DIVULGAÇÃO DO CURSO DE ENGENHARIA DE ALIMENTOS EM NAVIRAÍ - MS	
Keila Kauana Ribeiro Serena	
Fabiane Charão Gomes	
Juliana Dutra Lima	
Mariana Manfroi Fuzinatto	
Priscila Neder Morato	
DOI 10.22533/at.ed.6631923129	
CAPÍTULO 10	102
ENSINO DE QUÍMICA NA REGIÃO CENTRO-OESTE: ANÁLISES E REFLEXÕES	
Andréia Andreóli Silvestre	
Sandra Valéria Limonta Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.66319231210	
CAPÍTULO 11	110
ENTENDIMENTO DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO DO NORTE-CEARÁ ACERCA DE PRIMEIROS SOCORROS	
Janne Eyre Bezerra Torquato	
Adalberto Cruz Sampaio	
Francisco Diego da Silva Xavier	
Monalisa Martins Querino	
Elizabeth Amábile Calixto Costa	
Sheyla Maria Lima da Silva	
Paulo Henrique do Nascimento Bem	
Aurilene Alves Torquato	
Ilanna Mara Bezerra Neves	
Alinne Mota Dias	
Emanuelly Castro Alves	
José Herssem Loureto Abrantes Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.66319231211	
CAPÍTULO 12	122
IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO FÍSICA PARA SAÚDE DE ESTUDANTES EM FASE ESCOLAR	
Adriana Lúcia Leal da Silva	
Luiz Clebson de Oliveira Silvano	
Letícia Lúcia Leal da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66319231212	

CAPÍTULO 13	130
MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: PODER E SABER MÉDICO NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS ESCOLARES	
Fabiola Regina Ortega Eduardo Nunes Jacondino	
DOI 10.22533/at.ed.66319231213	
CAPÍTULO 14	140
NOTAS SOBRE A FILOSOFIA POLÍTICA DE ELLACURÍA	
Rogério Baptistella Sidney Reinaldo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66319231214	
CAPÍTULO 15	149
O GEOGEBRA COMO FERRAMENTA NO ESCALONAMENTO DE SISTEMAS DE EQUAÇÕES LINEARES	
Márcio dos Anjos São Pedro	
DOI 10.22533/at.ed.66319231215	
CAPÍTULO 16	161
O PROFESSOR DE INFORMÁTICA EDUCATIVA E O SEU PAPEL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA REDE MUNICIPAL DE SANTA MARIA	
Eunice Pereira Azenha Maritê Medianeira Moro Neocatto Karla Marques da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.66319231216	
CAPÍTULO 17	175
RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O SUBPROJETO PIBID NA ÁREA DE MATEMÁTICA	
Maria Emília da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66319231217	
CAPÍTULO 18	184
ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DE ATIVIDADES DIDÁTICAS DE LÍNGUA INGLESA NA COMPREENSÃO ESCRITA	
Maria Catarina Paiva Repolês	
DOI 10.22533/at.ed.66319231218	
ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR	
CAPÍTULO 19	195
A EDUCAÇÃO NA DEFESA FUNDAMENTAL DOS DIREITOS HUMANOS	
Juliana Santos Alves Paulo Sérgio Machado	
DOI 10.22533/at.ed.66319231219	

CAPÍTULO 20	204
ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CÁCERES	
Cleusa dos Santos	
Eva Batista dos Santos Silva	
Ilma Ferreira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.66319231220	
CAPÍTULO 21	213
CONSELHO ESCOLAR, INSTRUMENTO DA DEMOCRACIA: DIAGNÓSTICO DA GESTÃO COLEGIADA NO COLÉGIO ESTADUAL DE BRUMADO	
Elielson Teixeira	
Nubia Regina Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.66319231221	
CAPÍTULO 22	225
ENSAIO ANALÍTICO DO PRONATEC SOB A ÓTICA DA ABORDAGEM DO CICLO DE POLÍTICAS	
Sérgio Inácio da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.66319231222	
CAPÍTULO 23	237
INOVAÇÃO OU DEMOCRACIA: APORIA DE INSTITUIÇÕES OU FIM DA DEMOCRACIA?	
Marcelo Micke Doti	
DOI 10.22533/at.ed.66319231223	
CAPÍTULO 24	248
O DEBATE PÚBLICO E PRIVADO EM EDUCAÇÃO NOS TRAMITES DE UMA LDB NEOLIBERAL	
Claitonei de Siqueira Santos	
Ivo Monteiro de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.66319231224	
CAPÍTULO 25	261
O FINANCIAMENTO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE MANAUS: UMA ANÁLISE SOBRE SUA COMPOSIÇÃO E SEU IMPACTO SOBRE A QUALIDADE DO ENSINO DURANTE O PERÍODO DE 2007-2015	
Michele Lins Aracaty e Silva	
Leonardo Marcelo dos Reis Braule Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.66319231225	
CAPÍTULO 26	272
POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM TEMPO INTEGRAL: ANÁLISES E REFLEXÕES SOBRE SEUS PROPÓSITOS	
Elisabete Ferreira Esteves Campos	
Andreia de Souza Grava	
DOI 10.22533/at.ed.66319231226	
CAPÍTULO 27	286
RELAÇÃO ENTRE A ÉTICA E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO – TEORIA E PRÁTICA	
Jaqueline Tubin Fieira	
Giseli Moteiro Glagliotto	
DOI 10.22533/at.ed.66319231227	

CAPÍTULO 28	294
REPERCUSSÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE	
Rozilene de Moraes Sousa	
Edna de Oliveira Souza Silva	
Queila Ferreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66319231228	
CAPÍTULO 29	304
UMA JANELA PARA A ÉTICA DAS POLÍTICAS DE ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL	
Nuno Miranda e Silva	
Sónia Pereira Dinis	
DOI 10.22533/at.ed.66319231229	
SOBRE O ORGANIZADOR	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

EDUCAÇÃO MEDICALIZADA: A INSENSIBILIDADE DA ESCOLA DIANTE DO CORPO ATIVO

Data de aceite: 04/12/2018

Andressa Rodrigues Mota

Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
Vilhena - Rondônia

Kelly Jessie Queiroz Penafiel

Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
Vilhena - Rondônia

Sylvia Pillar Oliveira de Tassis Frasson

Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
Vilhena – Rondônia

RESUMO: A domesticação do corpo a partir da disciplina é visível nos espaços escolares. Uma rede de dominação sustentada por gestores, professores, psicólogos, psicopedagogos, psiquiatras e Estado promove a criação de “sujeitos passivos” e obedientes. Renega-se ao corpo a fala corpórea, sonora e gestual em nome de um conceito confuso e duvidoso de produtividade e disciplina. Este ensaio tem como objetivo provocar reflexões acerca das temáticas: disciplina e corpo na sala de aula. A escola, numa sociedade de classes, organizada a partir dos interesses do capital, dificulta o acesso, permanência e garantia de sucesso às crianças das classes populares. Utilizando da medicalização e outras formas de dominação

do corpo como ferramenta para obtenção de uma sociedade acrítica, passiva, a escola tem, juntamente com a Psicologia e a Medicina, produzido o fracasso e sofrimento. A instituição escolar continua sendo uma das mais eficazes ferramentas disciplinadora do povo, a serviço de pequenos grupos elitistas. No presente texto, partimos de revisão bibliográfica, observações e análise dos relatórios de Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, campus de Vilhena para refletir sobre a temática. A partir de uma escola deficiente e excludente nota-se, por parte de alguns profissionais da educação, uma transposição de responsabilidades, que sai do campo social partindo para a o individual. A escola tem, a nosso ver, estado a serviço do capital e de uma sociedade disciplinar, quando culpabiliza o aluno e se isenta de seu compromisso pedagógico e social de garantia de educação para todos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Escola. Disciplina. Estágio Curricular.

MEDICALIZED EDUCATION: THE
INSENSIBILITY OF THE SCHOOL FRONT
THE ACTIVE BODY

ABSTRACT: The domestication of the body

through discipline is visible in school spaces. A network of domination sustained by directors, teachers, psychologists, psychopedagogues, psychiatrists and the state promotes the creation of “passive and obedient subjects”. The body is denied body, sound and gesture speech in the name of a confused and doubtful concept of productivity and discipline. This article aims to provoke reflections on the themes: discipline and body in the classroom. School, in a class society, organized from the interests of capital, makes it difficult for children of the popular classes to access, stay and guarantee success. Using medicalization and other forms of body domination as a tool for obtaining a passive, uncritical society, the school has, together with psychology and medicine, produced failure and suffering. The school institution remains one of the most effective disciplining tools of the people, serving small elitist groups. In the present text, we start from a literature review, observations and analysis of the reports of the Compulsory Curricular Internship of the Pedagogy Course of the Federal University of Rondônia, Vilhena campus to reflect on the subject. From a deficient and exclusionary school, some education professionals, a transposition of responsibilities, which leaves the social field leaving for the individual, note it. The school has, in our view, been at the service of capital and a disciplinary society, when it blames the student and disclaims its pedagogical and social commitment to guarantee education for all.

KEYWORDS: Body. School. Subject. Curricular stage.

1 | INTRODUÇÃO

Os conceitos eugenistas aportam no Brasil ainda no século XIX. Com o intuito de aprimoramento de raças, conta com o respaldo médico na promoção de ideias higienistas como forma de controle social e político. Neste sentido, Luengo (2010, p. 29) acrescenta que tais ideias visavam “[...] possibilitar condições de produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos domesticados, higienizados e individualizados, que se tornariam aptos a colaborar com o progresso da cidade, do estado. Enfim, da pátria”. Encontrou terreno fértil nos espaços escolares no início do século XX. A instituição criada para infância se tornaria a partir disto, uma ferramenta na tentativa de combate a desordem social.

A medicina higienista passaria então a atuar de maneira progressiva e privilegiada, sem interferências de terceiros, dentro do âmbito escolar, tornando assim a escola um espaço preventivo, fiscalizador e, acima de tudo, punitivo aos que fugiam da ordem estabelecida. Luengo (2010, p. 29) traz uma referência do pensamento da época:

[...] o pensamento higienista seria, então, uma das formas disciplinares que surgiram com o objetivo de reestruturar o núcleo familiar, mas isso só ocorre através do poder médico, que se insere na política de transformação do coletivo para compensar as deficiências da lei e entrar no espaço da norma.

Assim, os princípios eugenistas e higienistas como condicionadores disciplinares modelaram ao longo das décadas a organização social, utilizando da instituição escola como um dos instrumentos de domínio, estabelecendo os padrões de normalidade e permitindo intervenções médicas dentro dos estabelecimentos escolares como práticas de controle. Como afirma Zola (1972, apud LUENGO, 2010) a medicina tem se tornado a principal instituição de controle social, ao lado ou ainda incorporada pelas mais tradicionais instituições como a religião e a lei.

Nos dias atuais, por boa parte dos profissionais da educação e saúde, acredita-se que na atual conjuntura a intervenção médica se faz necessária para obtenção de “bons comportamentos” dentro das salas de aulas, como Ciasca (2003), que aponta fatores que tornam compreensíveis as práticas medicalizantes, atribuindo à criança a culpabilidade pelo não aprender. Por outro lado, há profissionais que questionam a necessidade desta intervenção e apontam para a crescente medicalização das questões escolares, como Collares; Moysés (2011), que criticam a redução de questões de grandes magnitudes sociais, políticas e pedagógicas à biologização da vida. Estas vozes dissonantes alertam para as consequências desta visão que subtrai o papel pedagógico da escola no trato das questões da não aprendizagem e passa a tratar em consultório médico doenças que sequer foram comprovadas cientificamente.

Sabe-se, pois, ou espera que seja sabido por parte do primeiro grupo citado de profissionais, que a sociedade vive sob o julgo de padrões que atende um grupo restrito e seletivo, oposto ao povo. Cabe o questionamento: o que os padrões impostos julgam como bom comportamento? O “bom comportamento” é sinônimo de aprendizagem qualitativa, dentro de uma escola pública e democrática? E esses diagnósticos advindos dos consultórios médicos são eficazes e legítimos? O corpo é passivo de intervenções por toda a vida, transita na ideia de hora ser objeto, hora ser sujeito. Qual corpo ocupa os espaços escolares? Este ensaio pretende levar a reflexão sobre estas questões a partir de experiências vivenciadas no Estágio Curricular Obrigatório no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, *campus* de Vilhena.

2 | A ESCOLA EM UMA SOCIEDADE DE CLASSES

A escola, objeto de múltiplas ciências, convive com os desafios em torno da medicalização como ferramenta para obtenção do que a própria julga por bom comportamento. Em uma sociedade de classes, deve-se estar atento ao serviço oferecido pela instituição escolar às camadas populares.

A escola não contraria a ordem social vigente. Ao contrário, trabalha para sua manutenção e reprodução. Snyders (1981) afirma que os mecanismos de exclusão

se tornam cada vez mais sutis e eficazes numa escola dividida em classes. Para o autor:

[...] para afastar as classes populares, já não se atua por exclusão, por oposição absoluta, aqueles que estão dentro do sistema escolar e os que ficam de fora, isto é, na fábrica ou no campo: procede-se por sábias gradações e sabiamente dissimuladas, que vão dos estabelecimentos, seções, disciplinas ligadas às melhores possibilidades de êxito posterior, tanto escolar como social (até aos diferentes graus de relegação. (SNYDERS, 1981, p. 21).

Dentro desse sistema, a discriminação das classes populares faz-se pouco a pouco, com brandura, e assim se consegue dissimulá-la melhor. Alguns se saem bem, apesar de todos os pesares. Tomam-se os casos isolados como justificativa para a manutenção da ideologia da meritocracia e do esforço individual. Quem quer, consegue! Existe pequeno número de casos de mobilidade social, a que os docentes e a sociedade, citam como exemplo de determinado aluno vindo de muito baixo, que graças ao seu trabalho, ao seu zelo e aos seus dotes, conseguiu tão brilhante situação.

Contudo, Snyders (1981, p. 22) lembra que “[...] a classe dominante conserva ciosamente nas suas mãos o controle desta seleção, que não faz perigar de forma alguma o conjunto das hierarquias estabelecidas”. Para fazer a manutenção da meritocracia como resposta, cultiva-se a ideia de “loteria”. Se você se esforçar bastante, também poderá ser bem-sucedido. “Decapita-se a classe operária, proporcionam-se à classe detentora do poder alguns elementos válidos que lhes prestarão serviço, muito mais do que se insuflam na sociedade possibilidades de renovoamento” (SNYDERS, 1981, p. 22).

À estas possibilidades de “ascensão social” denunciam-nas Bourdieu e Passeron (2014) como meio de tornar verosímil a ideologia de uma escola que a todos oferece iguais oportunidades. Para Snyders (1981), um meio de mascarar o peso da origem social, e finalmente de negar a existência de classes.

A organização e o funcionamento do sistema escolar retraduzem continuamente as desigualdades de nível social por desigualdades de nível escolar. Em defesa da escola laica, obrigatória, pública e gratuita, temos ignorado sua divisão em classes sociais antagônicas. Vivemos sob o que parece ser uma ilusão ideológica da unidade escolar. Ter coragem e lucidez para desvendar essa ilusão não é tarefa fácil. Quando analisamos os números oficiais de acesso, permanência e sucesso na escola temos descortinadas à nossa frente a divisão, a segregação, os antagonismos dentro da escola. Esse dualismo escolar apresentará suas consequências na divisão social do trabalho. Sobre esse assunto, Snyders (1981, p. 27) declara que:

Todos os mecanismos escolares são comandados, à partida, por aquilo que constituirá o seu objetivo, que parece o resultado esperado: a divisão social do trabalho – e é escusado pretender que se trata de uma divisão puramente técnica de competências, deve na realidade ser descrita como divisão da sociedade em

classes antagonistas e a relação entre ambas é, na verdade, a exploração de uma pela outra.

É praticamente impossível ignorar que a escola está dividida em classes. Para o autor, as diferentes direções sobre as quais a escola orienta os alunos na sociedade cujo modo de produção é o capitalismo, não “[...] corresponde a talentos, a capacidades, a dotes, mas sim às proposições de mão de obra, de quadros, de dirigentes que a sociedade estabelecida calcula como necessários ao seu funcionamento e à sua reprodução” (SNYDERS, 1981, p. 27).

Sobre as instituições educativas e a lógica do capital, Mészáros (2008, p. 42) afirma que “[...] as medidas que tinham de ser aplicadas aos “trabalhadores pobres” eram radicalmente diferentes daquelas que os “homens de razão” consideravam adequadas para si próprios”. Para o autor, no final tudo se reduzia a relações de poder nuas e cruas, impostas com extrema brutalidade e violência nos primórdios do desenvolvimento capitalista.

Nesta sociedade, os indivíduos são separados entre aptos e inaptos, normais e anormais. Rótulos que o saber médico ajudou a criar e institucionalizar numa perversa cumplicidade ideológica com as pedagogias. Estas ideologias, travestidas de ciência, historicamente tentam justificar cruelmente no plano racional a hierarquia social. Consideramos, contudo que os conceitos de inadaptação, com o seu fundo médico, patológico, essencialmente individualista, são absolutamente incapazes de descrever, de explicar os insucessos escolares. Insucessos em massa, fracassos da dimensão da sociedade, fracassos pretendidos e fabricados por essa sociedade por serem indispensáveis à sua conservação (SNYDERS, 1981).

3 | O CORPO DISCIPLINADO NA ESCOLA

Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (FOUCAULT, 2015, p. 144).

De acordo com Luengo (2010) a educação de modelo higiênica sustenta a concepção de que para superar o modelo primitivo de sociedade colonial, era preciso refinar os comportamentos. Aos poucos, esse modelo fomenta uma evolução higiênica da família, aumentando a disciplina, a vigilância e a repressão, que se estenderam também ao âmbito da educação.

Para os higienistas se o controle do corpo fosse feito desde a infância, as condutas na fase adulta já estariam condizentes com o ideal desejado, segundo as normas higiênicas, em outras palavras, uma criança bem fiscalizada seria o perfeito adulto higiênico. Para o ideal higienista “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas

começa no corpo, com o corpo” (FOUCAULT, 2006, p. 144).

A disciplina para Foucault (2015) tem ligação direta com o poder, pois, segundo ele, o poder é a ação das forças em detrimento de algo ou de alguém que apresenta fragilidade ou submissão em relação ao outro. Para o autor:

Parece-me que o poder disciplinar pode se caracterizar em primeiro lugar pelo fato de implicar, não uma coleta com base no produto ou numa parte do tempo, ou em determinada categoria de serviço, mas por ser uma apropriação total, ou tender, em todo caso, a ser uma apropriação exaustiva do corpo, dos gestos, do tempo, do comportamento do indivíduo. (FOUCAULT, 2015, p. 58).

Este olhar capaz de estigmatizar e reprimir o que não é aceitável tem como objetivo disciplinar o corpo dócil. Neste sentido, Luengo (2010) declara que os higienistas se utilizaram de um corpo que pode ser manipulado, modelado, treinado, que obedece e corresponde aos desejos dos detentores do poder que, nesse caso, estão representados pela figura médica. Foucault (2015, p. 69) afirma que “[...] o poder disciplinar [...] fabrica corpos sujeitados, vincula exatamente a função-sujeito ao corpo. Ela fabrica, distribui corpos sujeitados; ele é individualizante [unicamente no sentido de que] o indivíduo [não é] se não o corpo sujeitado”. A disciplina fabrica corpos submissos, corpos “dóceis”.

A vigilância, o controle, os relatórios de acompanhamento, os prontuários médicos. Para o autor, o registro escrito sobre o controle do corpo está a serviço do poder disciplinar “[...] para garantir a notação e o registro de tudo o que acontece, de tudo o que o indivíduo faz, de tudo o que ele diz [...]” (FOUCAULT, 2015, p. 61).

A escrita também é instrumento muito usado pela medicina, psicologia, pedagogia para fazer registros sobre seus pacientes e alunos. Anamneses, prontuários, fichas, relatórios. A vida dos sujeitos é registrada. Esses registros podem conter “sentenças” mais ou menos ameaçadoras. No caso da escola, implica decidir o “destino” do aluno. Os resultados escolares determinam o “lugar” que será ocupado pelo aluno na classe. O lugar da criança que não aprende.

Do mesmo modo, é a partir do momento em que há disciplina escolar que vocês veem aparecer algo como o débil mental. O irredutível à disciplina escolar só pode existir em relação a essa disciplina; aquele que não aprende a ler e a escrever só pode aparecer como problema, como limite, a partir do momento em que a escola segue o esquema disciplinar. (FOUCAULT, 2015, p. 67).

Numa sociedade disciplinar e vigilante, a escola funciona como uma instituição que fará a reprodução desse modelo de sociedade. O modelo arquitetônico da escola e suas salas de aula promovem a disciplina do corpo e da mente. Neste modelo arquitetônico disciplinar, o corpo, por ser manipulado, passa a obedecer de forma automatizada.

A emblemática figura do esquema de postura corporal da escola francesa de Port-Mahon do século XIX ilustra o triunfo da disciplina sobre o corpo dos alunos.

Nesta máquina disciplinar, alunos e também professores passam a se comportar de forma robotizada. Carvalho (2006, p. 57) pinta o quadro do cotidiano da sala de aula sob esta ordem disciplinar da seguinte forma:

[...] os alunos sentam-se enfileirados, vestidos uniformemente, obrigados também a se comportarem uniformemente – com uma postura ereta, silenciosos e atentos aos ensinamentos –, proporcionando condições para absorverem os conhecimentos de uma outra pessoa, que se julga detentora do conhecimento – ao menos da área previamente proposta pela instituição. Tais alunos, geralmente tratados como iguais, são colocados numa condição de aprendizagem dos mesmos conteúdos, na mesma velocidade e da mesma forma. Muitas vezes não se respeitam seus conhecimentos prévios, suas diferenças em termos de capacidade, muito menos suas opiniões sobre o que se está aprendendo. O aluno tem apenas o dever de aprender em um tempo determinado, de uma forma preestabelecida e configurada de acordo com o que se cobra na sociedade. Ve-se, nesse âmbito, um processo de homogeneização, vítima de uma racionalização produzida a partir de modelos [...]

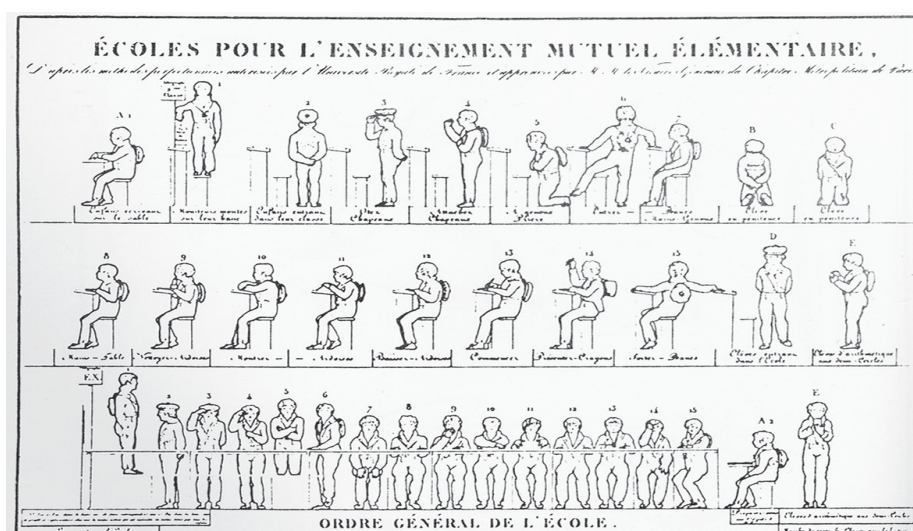


Figura 1 – Esquema de postura corporal da escola francesa de Port-Mahon, ao momento do exercício de caligrafia

Fonte: Luengo (2010, p. 54).

Aqueles que não são submetidos pelo adestramento do corpo, pelo controle da postura, dos gestos, da maneira de comportar, são taxados por loucos, problemáticos, indisciplinados. A estes, a escola segrega, tenta silenciar. E para tal, por séculos tem contado com a cumplicidade da Psicologia e da Medicina. Tais ciências produzem o mesmo mecanismo do panóptico. O controle dos corpos e mentes.

As queixas da escola em relação à indisciplina têm a ver com falar demais, falar alto ou não permanecer sentado muito tempo no mesmo lugar durante os momentos das atividades. Comportamentos comuns da infância passam a ser lidos a partir de uma visão patologizante, e passam a ser confundidos com distúrbios e transtornos. Estes comportamentos, descritos como desviantes, tem sido alvo da

intervenção de especialistas (psicólogos, neurologistas, psiquiatras, médicos) com o objetivo de solucionar o problema. A solução oferecida por estes profissionais tem sido, na maioria dos casos, o uso de poderosos psicofármacos que prometem resultados rápidos. A “droga da obediência” contém o aluno que perturba. Controla e disciplina a mente e o corpo do aluno “indisciplinado”. Uma forma de palmatória, de contenção química.

4 | REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM PEDAGOGIA

A igreja diz: o corpo é uma culpa. A ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa. (GALEANO, 2001, p. 109, tradução nossa).

O Estágio Curricular Obrigatório é uma atividade que proporciona ao discente do curso de licenciatura plena em Pedagogia, compreender as teorias estudadas na graduação, refletir acerca dos fenômenos escolares, tornando-se, pois, uma etapa importante na formação de futuros professores. O estágio aproxima o discente do seu campo de atuação, permitindo-o cogitar intervenções positivas para os desafios encontrados. Conforme Pimenta e Lima (2004) o estágio, por meio da pesquisa e investigação do cotidiano escolar, abre possibilidades para o futuro professor compreender as situações vivenciadas e observadas nas escolas e seus respectivos sistemas de ensino, formando assim professores “críticos-reflexivos” e “pesquisadores”.

A partir das vivências no estágio do curso de Pedagogia, surgiram indagações em torno do corpo disciplinado e sua representação sob o olhar de alguns profissionais da educação básica. A todo tempo, é esperado por parte dos estudantes, obediência, e por parte dos professores, autoridade. Uma sala considerada disciplinada é aquela silenciosa, onde os educandos não interajam entre si, salvo quando permitido pelo professor. Deseja-se um aluno mais participativo, mas no cotidiano da sala de aula espera-se que este só se manifeste na hora que sua participação for solicitada (MAYER, 2008, 49). Para exemplificar isto, pode ser citado quando a direção da escola assume um discurso democrático, mas não consegue compreender as expressões de um grupo recém-chegado, distinto da sua “clientela” habitual. Outra situação não muito rara é encontrar nos discursos docentes que a solução para os problemas de indisciplina está nos medicamentos que “controlam os comportamentos”. Diante do corpo tornado dócil e contido quimicamente jubilam de contentamento e tranquilidade.

Grande parte das professoras se sentem incomodadas quando se defrontam

com turmas “bagunceiras”. Reprovam qualquer intervenção, por parte dos estagiários, cuja abordagem seja distinta das suas nestas situações, percebe-se que estes comportamentos remetem à formação inicial das profissionais tanto das atuantes quanto das estagiárias.

Para contrapor abordagens obsoletas adotadas por parte das professoras no método tradicional de ensino, Gasparini (2007) sugere delinear uma concepção dialética no processo educativo, o mesmo autor propõe “trabalhar um conhecimento científico e político comprometido com a criação de uma sociedade democrática.” (GASPARINI, 2007, p.8) é necessário por parte dos profissionais (re) significar os próprios conceitos de disciplina e metodologia na sala de aula originando-se de uma percepção antropológica e social alinhado as intenções da função social da escola e na construção de um conhecimento democraticamente acessível. A escola não aceita corpos desabituaados com suas regras impostas, passa a rechaçar estudantes cujas ações não condizem com seus conceitos de ordem e produtividade. Ao analisar a relação entre corpo produtivo e disciplina, Foucault (2014, p. 29) comenta que:

[...] é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investigo por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição [...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.

A citação acima tem nos levado a refletir que a escola não tem acompanhado o dinamismo do momento histórico presente. Suas relações se baseiam em ações coercitivas no trato com alunos e professores. Diante de uma escola pública e democrática é esperado que o corpo se relacione e se movimente de várias maneiras. O corpo fala, mas nem sempre é bem interpretado, pois até as esferas interpretativas são passíveis de padronização.

O que se encontra nas salas de aula das escolas públicas são mecanismos de homogeneização, reprodutores das desigualdades sociais, baseados em princípios positivistas que boicotam qualquer tipo de manifestação que questione seus padrões. Padrões que são os da classe dominante. Atrelados ao discurso de diversidade e respeito ao outro, vivem uma constante e desconcertante contradição.

Em nossas vivências como estagiárias, encontramos obstáculos físicos e ideológicos que nos fazem questionar a que e a serviço de quem tem estado nossa formação acadêmica. Na perspectiva de direcionar o olhar para a formação da professora temos sentido a necessidade de “repensar a educação formal e incluir o corpo na pauta das discussões, uma vez que sem ele não existe vida humana e sem vida não há aprendizagem” (MAYER, 2008, p. 55).

Consideramos que se faz urgente pensar e tomar uma postura que questione a ordem estabelecida. Que questione, enfim, a própria ordem. É preciso pensar o

corpo, de alunos e professores, de forma ativa, na tentativa de ações e intervenções que resultam no controle dos corpos e limitam as interações sociais.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio visou levantar reflexões acerca das nítidas divisões de classes existentes no âmbito escolar e as consequências que as mesmas provocam nos indivíduos que nele estão inseridos, seja como dominador ou dominado. A partir da domesticação do corpo e a ilusória ideia de disciplina como quantitativo de aprendizagem, criando um ambiente repressor e insensível as expressividades naturalmente humanas tem sido alvo de uma visão medicalizada de educação e sociedade.

A escola, enquanto instituição disciplinar, tem moldado corpos dóceis e obedientes. Estabelecem-se padrões comportamentais, gestuais, educacionais e sociais, que condicionam as relações humanas e condenam aqueles que fogem a eles, segregando, estigmatizando e recorrendo a artifícios diferenciados, como o uso de medicamentos capazes de “controlar os comportamentos”.

Na roda-viva contemporânea, procura-se de todas as formas, meios e estratégias que proporcione a transição de dominados a dominadores, num processo de “lobotomia social” que ocorre sorrateiramente (infiltrada) em salas de aula, ambiente versátil, multicultural em que o alcance do domínio social é mais eficiente. Infelizmente, o professor contribui significativamente nesse processo, agindo como agente fiscalizador na triagem para obtenção de laudos que automaticamente, retiram deles a responsabilidade da intervenção pedagógica.

Conclui-se, então, que a escola vem sendo um espaço que não cumpre com a sua função social, ao transpor a responsabilidade da não-aprendizagem na sala de aula aos estudantes, os encaminhando assim a consultórios médicos, abdicando-se de seus compromissos com uma sociedade que espera que a escola seja um espaço acolhedor e promotora da igualdade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARVALHO, A. B., A sociologia weberiana e a educação. In: ____: SILVA, W. C. L. (Org.). **Sociologia e educação**: leituras e interpretações. São Paulo: Avercamp, 2006.

CIASCA, S. M. **Distúrbios de aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 42. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O poder Psiquiátrico**: Curso dado no Collège de France (1973-1974). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GALEANO, E. **Las palabras andantes**. 5. Ed. Buenos Aires: Catalogos, 2001.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Autores Associados, 2007.

LUENGO, F. C. **A vigilância punitiva**: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010.

MAYER, V. N. K. **Pára quieto menino, presta atenção!!**: Proposições para um outro olhar sobre o corpo atento. 2008. 148 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2008.

MÉSZÁROS, I. **A Educação para além do capital**. 2. Ed. São Paulo: BoiTempo, 2008.

MOYSÉS, M. A. A. COLLARES, C. A. L. O lado escuro da dislexia e do TDAH. In: Marisa Eugênia, Melillo Meira; Silvana Tuleski; Marilda Gonçalves Dias Facci. (Orgs). **A exclusão dos incluídos**: Contribuições da Psicologia da Educação para uma crítica à Patologização e à Medicalização. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SNYDERS, G. **Escola, classe e luta de classes**. 2. Ed. Lisboa: Moraes Editares, 1981.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME - Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias. Coordenador Substituto do Curso de Pedagogia. Representante Docente no Conselho Diretor. Membro do Comitê Interno de Assessoramento do Programa Institucional de Iniciação Científica/UFT. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia” e membro do Grupo “Laboratório de Formação de professores e práticas dialógicas na Educação- Lapedi - UFT”. Tem Pós-Doutorado em Educação, 2018 (FACED/UFU). Doutor em Educação, 2016 (UNESP/Marília). Mestre em Educação, 2010 (FACED/UFU). Graduado em História, 2007, Bacharelado e Licenciatura (UFU), Bolsista IC/CNPq (08/2004 a 08/2007) integrando ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação (NEPHE/FACED/ UFU). Graduado em Pedagogia, 2013, Licenciatura, pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Durante o mestrado, foi bolsista CAPES; Secretário da Revista Cadernos de História da Educação (NEPHE/FACED/UFU); representante Discente no Conselho da Faculdade de Educação (CONFACED); representante Discente nos Conselhos Superiores: CONSUN (Conselho Universitário) e CONPEP (Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação); membro do CONAD (Conselho de Administração do Hospital de Clínicas da UFU); membro da CPAUFU (Comissão Própria de Avaliação da Universidade Federal de Uberlândia); membro da Comissão de Revisão do Estatuto e do Regimento Geral da UFU; eleito Coordenador Geral da APG-UFU (Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia) biênio 2008/2009. Desenvolve pesquisa na busca, identificação e catalogação de fontes primárias para a História da Educação como jornais, periódicos, atas, imprensa, leis, relatos, levantamento de acervos públicos e particulares, entre outros, tendo como foco a História Local e a História das Instituições Escolares, assim como efetiva participação em cursos de Especialização (lato sensu) voltados para a formação de professores com foco na gestão, organização, planejamento, orientação e avaliação na Educação Básica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agroecologia 1, 2, 5, 6, 7, 10, 50, 53, 56, 59
Análises e reflexões 102, 272
Atividades didáticas 184, 189, 190, 192, 193
Atividades na natureza 28, 31
Avaliação Física 122, 123, 124, 125, 128, 129

B

Biofilia 28, 29, 30, 36, 37, 38

C

Caverna 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 142
Conhecimentos matemáticos 50, 53, 54, 59
Consolidação 59, 78, 79, 82, 97, 102, 108, 275, 310
Corpo 28, 30, 31, 36, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 113, 137, 142, 200, 210, 212, 240, 264
Creche 204, 205, 206, 207, 208
Currículo 3, 6, 9, 10, 74, 75, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 120, 192, 202, 210, 211, 212, 216, 218, 221, 222, 223, 227, 277, 279, 294, 298, 301

D

Direito a ter direitos 195
Disciplina 12, 13, 14, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 40, 42, 43, 46, 48, 71, 72, 86, 90, 91, 93, 94, 95, 103, 117, 118, 178, 188, 189, 192, 196, 204

E

Educação Física Escolar 61
Educação Infantil 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 262, 266, 297, 299
Ensino de Ciências 1, 2, 7, 74, 104, 105
Ensino de química 102, 109
Ensino e aprendizagem 80, 132, 175, 178, 194, 283
Escalonamento 149, 150, 153, 154, 156, 159
Escola 1, 3, 7, 40, 42, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 123, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 161, 163, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 187, 194, 195, 198, 199, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 231, 248, 249, 250, 253, 255, 257, 260, 263, 273, 274, 275, 277, 278, 279, 281, 282, 283, 290, 292, 294, 295, 296, 301, 302, 303, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 315, 316
Estado da arte 102, 104, 109, 203, 302

Estágio Curricular 72, 86, 88, 93
Estágio Supervisionado 50, 51, 52, 53, 59

G

Geogebra 149, 150, 153, 154, 155, 160

H

História 34, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 69, 76, 77, 79, 84, 105, 109, 118, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 176, 183, 187, 188, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203, 216, 219, 220, 224, 238, 239, 240, 241, 242, 250, 283, 287, 288, 301, 302, 317
História dos Direitos Humanos 195, 196, 197, 203

I

Informática na Educação 161, 162, 164, 165, 166, 171, 173, 174

J

Jogos 17, 22, 40, 43, 66, 67, 76, 80, 105, 175, 178, 179, 180, 181, 183

L

Licenciatura em Educação do Campo 50, 51, 54, 55, 58
Licenciatura em Matemática 43, 175, 183
Língua Inglesa 184, 188, 193, 194
Logos Histórico 140, 143, 144, 145

M

Material Pedagógico 61, 62, 63, 64, 67, 68, 71
Medicalização 86, 88, 96, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 138, 139

N

NTEM Santa Maria 162, 164, 172

P

PIBID 84, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183
Pivotamento 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 159
Política 18, 80, 87, 113, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 162, 164, 184, 185, 188, 202, 203, 205, 207, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 242, 243, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 256, 258, 259, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 289, 295, 296, 298, 300, 301, 302
Politização 140, 143, 144, 145
Prevenção 112, 116, 117, 120, 122, 126, 128, 129
Primeiros socorros 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Processo Educativo 42, 61, 68, 69, 70, 71, 72, 94, 166, 172, 210, 289, 314
Produção Agroecológica 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59
Professor de Informática Educativa 161, 162, 163, 166
Professores 8, 46, 47, 52, 62, 64, 73, 74, 75, 76, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 93, 94, 95, 100,
105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 128, 134, 135, 159,
160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 177, 178, 182, 184, 186, 187, 188,
189, 190, 191, 192, 193, 195, 201, 203, 206, 210, 213, 214, 216, 217, 221, 223, 274, 278, 282,
286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298, 299, 300, 301, 302, 316, 317
Profissão 26, 72, 83, 97, 186, 216, 278, 303, 304, 307, 308, 309, 314, 315
Projeto Político Pedagógico 204, 205, 206, 209, 211, 212, 213, 221, 222, 223

R

Roteiro 35, 113, 184, 185, 188, 189, 190, 192, 193

S

Sedentarismo 122

Sistemas Agroflorestais 1, 2, 3, 6, 8, 9, 11

Sistemas Lineares 149, 150, 154

Sociedade 4, 5, 6, 7, 13, 40, 41, 42, 48, 52, 53, 57, 65, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 86, 88,
89, 90, 91, 92, 94, 95, 102, 105, 109, 118, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 143, 145, 146,
147, 160, 162, 163, 165, 173, 174, 182, 186, 194, 202, 209, 213, 216, 219, 220, 235, 237, 238,
240, 242, 243, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 263, 273, 275, 277,
278, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297, 299, 301, 307

T

Tecnologia Educacional 161, 162, 164, 165, 166, 174

Transdisciplinaridade 74, 79, 80, 81

